

A utilização do tempo pelo aluno do ensino médio público

Plínio Eduardo Monteiro de Castro
Cândido Alberto Gomes

O ensino médio, ilustre desconhecido, tem-se expandido rapidamente nos últimos anos, tendendo a expandir-se ainda mais e a representar um percentual mais alto do total das matrículas do país, em especial no ensino público. A rede do acesso se abre cada vez, trazendo à escola alunos socialmente menos favorecidos em todos os turnos. Visando a contribuir para o preenchimento do vácuo da literatura sobre o ensino médio, a Universidade Católica de Brasília está desenvolvendo um projeto de pesquisa que objetiva responder a várias indagações, entre elas como esse fator escasso, o tempo, é utilizado pelos alunos. Quem são os alunos? Como alocam o tempo às diversas atividades? Qual o tempo efetivo dedicado ao estudo? Como os trabalhadores estudantes utilizam o seu tempo?

O tempo na literatura

O tempo é fator, com muita frequência, associado ao aproveitamento dos alunos. Embora não seja unanimidade das pesquisas, este é um dos pontos de mais alto nível de consenso das resenhas: quanto maior o tempo dedicado às aulas, maior o rendimento; quanto maior o tempo dedicado a deveres de casa, uma forma de extensão da escola, maior também o aproveitamento (cf., p. ex., Costa, 1990; Farrell e Oliveira, 1993; Chinapah, 2000). Por seu lado, Bourdieu e Passeron (1979) afirmaram que o capital cultural explica parte da diferença de rendimento escolar entre os estudantes provenientes de classes sociais diversas, já que, inicialmente, o capital cultural é herdado da família restrita ou extensa. A acumulação desse capital durante a vida exige dedicação e investimento de tempo pelas pessoas. Tal aquisição custa tempo, tempo que deixa de ser utilizado em outra atividade. Apesar de variarem muito as alternativas e condições de uso do tempo em sala de aula ou fora dela, bem como, provavelmente, o seu impacto sobre o rendimento,

com muita freqüência os resultados de pesquisas servem para advogar a extensão da jornada escolar e do período letivo. Tratando-se de variável mensurável com relativa facilidade, as comparações internacionais, como as da Tabela 1, tendem a situar favoravelmente os países que, pelo menos nas normas, se não na realidade, fixam mais elevado número de horas letivas.

Tabela 1 – Duração em anos e em horas totais do ensino fundamental

Sistemas de ensino	Duração em anos	Total de horas
Portugal	9	8.138
Sudão	8	7.759
Venezuela	9	7.533
Países Baixos	8	7.520
Eslovênia	9	7.362
Islândia	10	7.003
Eslováquia	4+5	6.990
Filipinas	6	6.865
Finlândia (máximo)	6+3	6.669
Noruega	9	6.669
Suécia (média)	9	6.665
Dinamarca	9	6.540
Líbia	9	6.416
Brasil	8	6.400

Fonte: Unesco, International Bureau of Education (1998).

O Brasil, desde a nova Lei de Diretrizes e Bases, prevê o mínimo de quatro horas letivas diárias e 800 horas anuais. Com efeito, segundo o IBGE, a média de permanência diária na escola era então de 4,48 horas e 5,09 horas, respectivamente, no ensino médio público e privado. Antes da coleta de dados para a presente pesquisa, a rede pública do Distrito Federal ampliou a jornada para cinco horas-aula, certamente esperando os benefícios constatados em outros locais pelas pesquisas.

No entanto, o ensino médio, em geral, com escassa literatura, continua como um ponto cego. Por isso mesmo, é interessante mencionar, pelo seu valor ilustrativo, uma pesquisa comparada sobre como estudantes de curso superior distribuem o seu tempo pelas diversas atividades, incluindo tempo em

sala de aula, trabalhos escolares, trabalho remunerado, esporte, cultura, teatro e cinema, leitura (não determinada pelo curso), lazer, televisão, bar e boate e transporte. Para essa pesquisa foram aplicados questionários, dia a dia, durante uma semana, a estudantes de Economia, Letras, Ciências e Medicina, no Brasil, na Espanha e na França (Lassibille, Gómez e Paul, 1992). A Tabela 2 mostra que os brasileiros trabalhavam muito mais que os seus colegas: 10h 35m em relação a pouco mais de uma hora para os demais países. O tempo dedicado à televisão, forma de lazer de baixo custo, bem como ao transporte, era também sensivelmente maior para os brasileiros. Por outro lado, estes últimos dormiam bem menos, possivelmente como resultado da necessidade de trabalhar e estudar.

Deve-se considerar que essa pesquisa focalizou a elite do ensino brasileiro, matriculada na educação superior. Ora, se os alunos que chegavam ao topo no Brasil enfrentavam essas dificuldades, os do ensino médio, possivelmente, enfrentam obstáculos maiores na utilização do tempo.

Tabela 2 – Descrição das atividades dos estudantes

Atividades	Total Brasil	Total França	Total Espanha
Em sala de aula	18h04	21h26	19h08
Trabalhos escolares	13h44	16h18	23h26
Trabalho remunerado	10h35	1h22	1h17
Esportes	1h04	2h02	6h41
Sindicalismo e religião	1h21	0h17	0h41
Teatro/cinema	0h54	1h30	0h53
Leitura (não escolar)	3h09	4h14	5h20
Televisão	9h58	6h00	5h20
Bar/boate/clube	4h15		4h39
Transporte	12h03	6h13	5h26
Sono	41h25	61h22	55h16

Fonte: Institut de Recherche sur l'Économie de l'Éducation (1992).

Metodologia

A pesquisa realizada, dada a natureza dos temas envolvidos e a escassez da literatura, teve caráter exploratório. Na primeira etapa foi realizado um estudo de caso, em escola pública de uma cidade-satélite do Distrito Federal, cujos alunos eram em maioria socialmente desfavorecidos. Utilizando a técnica dos grupos focais, foram constituídos cinco grupos relativamente homogêneos, compostos de 8 a 12 alunos, escolhidos com base no perfil socioeconômico, para identificação de problemas globais existentes em relação ao tema. Esse perfil foi levantado com a utilização de um questionário, aplicado em uma amostra significativa dos alunos do nível médio, dos três turnos e das três séries. A análise das anotações e das gravações dos grupos focais permitiu aprofundar o conhecimento das questões.

A segunda etapa, um levantamento por amostragem, baseou-se na pesquisa qualitativa. Foi elaborado um questionário, submetido a um pré-teste aplicado a 400 alunos, para isso se utilizando a amostragem aleatória estratificada (AAE). A população foi organizada em quatro estratos, que representassem a população do Distrito Federal, tendo como referência pesquisa realizada pela Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codelplan), em 1997, enfocando o rendimento familiar, tendo em vista a sua importância na orientação da escolha da rede escolar, pública ou privada. Assim, analogamente àquela investigação, foram estabelecidos como estratos as seguintes áreas do Distrito Federal: Ceilândia, Plano Piloto, Taguatinga e Samambaia. Foram selecionados 100 alunos por estrato, utilizando-se a tabela de números aleatórios, a partir da chamada dos alunos. Os dados obtidos na pesquisa foram tratados com a utilização do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS).

No que se refere ao tempo utilizado pelos alunos, as tabelas correspondentes são subdivididas em cinco itens, a saber: transporte, estudo, trabalho/estágio, lazer e outras atividades. Os valores referentes às horas e aos minutos foram apurados com a utilização da média ponderada, calculada da seguinte forma:

a) quando o questionário já apresentava intervalo de tempo para o aluno responder, a média ponderada foi calculada pelo produto do ponto médio da classe pela frequência de ocorrências na classe, somados e divididos pelo número de alunos que responderam ao item, isto é, as respostas válidas;

b) quando a questão deixava as respostas em aberto, isto é, os alunos anotavam o tempo consumido naquela atividade sem que lhes fosse imposto um intervalo, a média ponderada foi computada como produto do tempo indicado nas respostas pela freqüência daquela indicação, somadas e divididas pelo número total de casos.

O tempo indicado pelos alunos, se em horas, era transformado em minutos e, ao final, convertido em horas e minutos. Na soma dos subitens, as horas e os minutos foram somados e ajustados.

Como tempo de transporte, foi considerado o do trajeto até a escola, quer de casa ou de outro local, e da escola para o destino. O tempo de estudo foi dividido em freqüência à sala de aula; estudo na escola, fora da sala de aula; estudo fora da escola e tempo de freqüência a cursos avulsos, de língua estrangeira, de informática, de música e outros. O tempo destinado a atividades remuneradas exercidas pelos alunos constaram do item trabalho/estágio. O lazer foi dividido em vários subitens, com o intuito de identificar quais dessas atividades eram efetuadas pelos alunos, deixando, ainda, um campo em aberto para o respondente indicar outras atividades não relacionadas pelo instrumento de coleta de dados. Finalmente, foi aberto um campo para outras atividades, em que se incluíram a ajuda em casa, a freqüência à igreja e as horas de sono.

A escola dos filhos dos outros

O perfil dos alunos, revelado pelo levantamento por amostragem, indicou maior participação, no ensino médio público, de estudantes do sexo feminino (53,7%). Os alunos do sexo masculino tinham a sua participação reduzida de 39,6%, na primeira série, para 25,9% na terceira, possivelmente por força do abandono e da reprovação. A idade variava de 13 a 43 anos, com média ponderada de 18,5 anos, acima da adequada para o término do ensino médio (17 anos). Apenas 56,5% dos alunos tinham até 17 anos e 35,9% trabalhavam ou estagiavam. A renda média mensal *per capita* das pessoas que moravam nas residências dos alunos era de R\$ 212,21, correspondendo a 1,4 salários-mínimos (R\$ 151,00 na época da realização da pesquisa). Essa média situava-se muito abaixo da renda média equivalente para essa Unidade Federativa, então de 15 salários-mínimos, ou 979,1% superior à da amostra. O coeficiente de Gini, de 0,21, indicou que a renda dessas famílias tinha com-

portamento homogêneo, ou seja, era homogênea na pobreza relativa. Em outros termos, a escola pública exercia notável papel democratizante para essa faixa populacional, porém, deixou de ser a escola dos nossos filhos para tornar-se a escola dos filhos dos outros, já que os alunos socialmente privilegiados se refugiaram na escola particular. Assim, a contradição antes apontada por Anísio Teixeira, entre ensino acadêmico e profissionalizante, pelo menos nessa Unidade Federativa ganhou, hoje, outro significado.

Com nível relativo de renda tão baixo, os alunos tinham extrema dificuldade de arcar com os custos decorrentes da freqüência à escola, que se distanciaram, em todas as faixas de renda, do custo mínimo padrão, calculado sobre as necessidades mais modestas (Cavalcante, 2000). A maior vítima dos cortes correspondia exatamente à maior parcela de custos, isto é, o livro didático. Segundo Venturelli (2000), os alunos pesquisados utilizaram em média 3,4 livros para estudar, embora contassem com mais de uma dezena de disciplinas. Isso não significa que tal proporção da amostra tenha comprado esses livros, mas que os obteve de algum modo. Como resultado, o estudo se fazia freqüentemente sem o livro, embora a existência desse último seja um fator apontado em geral pela literatura como fator significativo do desempenho discente.

Apesar do modesto nível de renda e dos cursos noturnos, ao todo, 64,2% dos alunos da amostra não trabalhavam. Em contraste, quando Gouveia e Havighurst (1969) fizeram, nos anos 60, sua ampla pesquisa sobre o ensino médio, verificaram que, conforme o estado, de 68 a 41% dos alunos trabalhavam. A diferença em relação aos dados de hoje sugere o nível mais alto de exigências educacionais pelo mercado de trabalho e as dificuldades do emprego juvenil.

Por isso mesmo, a localização preferida da escola era perto de casa, inclusive na periferia, não junto aos locais de trabalho. Com efeito, apesar das grandes distâncias no Distrito Federal, cerca de 70% dos alunos iam a pé para o estabelecimento de ensino, diminuindo o tempo e os custos com transporte, graças a uma rede escolar relativamente bem distribuída (Castro, 2000). Este é um ponto positivo a destacar, pois, ao contrário do livro didático, o transporte não se manifestou como importante item de custos, certamente ante a distribuição geográfica das escolas e as estratégias de matrícula

adotadas. Ainda assim, cerca de 30% dos pesquisados se deslocavam da sua área de residência para outras escolas, em busca de ensino de melhor qualidade.

Administrando o tempo

Nos grupos focais, as declarações dos alunos se limitaram ao tempo utilizado por eles na locomoção da casa para a escola e vice-versa, estimado em torno de 5 a 20 minutos. Quanto às atividades letivas, reclamaram do não aproveitamento do tempo quando algum professor faltava, havendo, normalmente “subida” (antecipação) de aula e saída mais cedo da escola, com a redução da carga horária daquele dia. Foram abordadas as diferenças de oportunidades entre os turnos diurno e noturno, configurando-se uma espécie de estratificação interna no estabelecimento, pela qual os trabalhadores estudantes da noite tinham menos aulas e menos acesso aos laboratórios. Uma declaração típica foi que “o noturno, além do tempo reduzido às quintas e sextas, não tem as últimas aulas”. Segundo declarações, naquela escola, raramente, havia o último tempo, além de horários vagos, assim frustrando em parte a concretização do aumento da jornada escolar adotada pela Secretaria de Educação. Já no período diurno, certas turmas não tinham o primeiro horário. Os períodos vagos causavam grande desconforto aos alunos, sobretudo aos que trabalhavam e que, sem necessidade, em numerosos dias, desperdiçavam tempo e dinheiro da passagem para não contar com atividades letivas.

Por sua vez, o levantamento por amostragem abriu novas perspectivas para compreender o uso do tempo pelos alunos. Conforme a Tabela 3, o tempo médio apurado por aluno foi de 80h 48m de atividades semanais. Com o transporte utilizado para ir e voltar da escola, foram despendidas 3h 31m por semana, o que corresponde à média diária de 42 minutos nos trajetos de ida e volta. No estudo, os alunos utilizavam, em média, 28h 39m minutos por semana, sendo 25h 35m na escola e 3h4m fora dela. Com o lazer, os alunos gastavam 23h 51m, sendo que, dos tipos de lazer pesquisados, veio em primeiro lugar a televisão, com 5h21m semanais, seguida do namoro, com 3h 11m, e de grupos de amizade, com 2h 42m. Aos esportes os respondentes

dedicavam 2h 5m por semana. Nas outras atividades foram empregadas 16h 52m, sendo a principal delas o sono, depois a ajuda em casa, com 2h 43m, e, por fim, a freqüência à igreja, com 1h 49m por semana.

Tabela 3 – Distribuição do tempo pelos alunos

Geral Todos Alunos	Hora	Min
Transporte		
Para ir para a escola	1	43
Na volta da escola	1	48
Subtotal	3	31
Estudo		
Em sala de aula	23	5
Na escola, fora de sala	2	30
Fora escola	1	38
Em cursos avulsos	1	26
Subtotal	28	39
Trabalho/estágio		
Trabalho/estágio	7	55
Subtotal	7	55
Lazer		
Cinema	0	27
Televisão	5	21
Música/dança	2	35
Esporte	2	5
Leitura	1	19
Festas	1	51
Namoro	3	11
Informática	1	30
Grupos de amizade	2	42
Bar/boate	1	32
Artesanato	0	6
<i>Shopping</i>	0	55
Outros	0	17
Subtotal	23	51
Outras atividades		
Ajuda em casa	2	43
Ida à igreja	1	49
Sono	12	20
Subtotal	16	52
Tempo total	80	48

Fonte: pesquisa de campo.

Portanto, do tempo total informado, 4% era utilizado em transporte para a escola e de volta dela; 35%, em estudo; 10% em trabalho/estágio; 30%, em lazer e 21% em outras atividades, conforme o Gráfico 1.

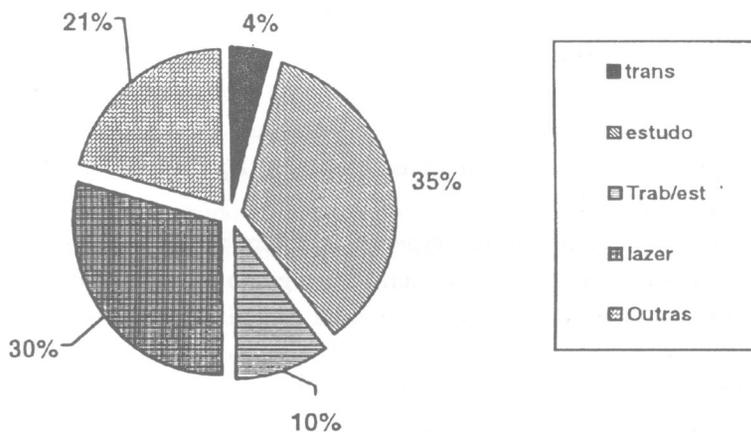


Gráfico 1

Diferenças por turno

Efetuada-se esta análise segundo o turno de estudo dos alunos (Tabela 4), foi observado que, no item transporte, os alunos do turno vespertino eram os que gastavam mais tempo nessa atividade, isto é, 4h 9m, contra 3h 10m dos alunos do turno matutino e 3h 16m dos do noturno. Era o sacrifício, em termos de tempo, dos alunos que escolheram uma escola mais longe de casa, supostamente por se tratar de uma escola com mais qualidade, a denominada “escola bem amada” ou por outra razão, deixando de escolher aquela mais perto da sua casa.

Quanto aos estudos, os alunos do turno matutino eram os que mais tempo dedicavam a essa atividade, com 31h 6m, seguidos dos alunos do turno vespertino, com 29h 52m: e os que menos utilizavam tempo nessa atividade eram os do noturno, com apenas 22h 41m por semana, bem menos que os dos outros turnos. O mais grave era o tempo declarado de frequência às aulas à noite, de apenas 17h 57m, quando o tempo previsto, no Distrito Federal, para essa atividade, era de 25 horas semanais, com perda de 7 horas por semana, correspondentes a 28% do tempo estabelecido. Ainda assim, o tempo de estudo fora da escola teve a média geral de 1h 38m, tendo sido o valor para o curso noturno de 1h 41m.

Em relação ao trabalho/estágio, como seria de se esperar, o turno cujos alunos destinavam mais tempo para essa atividade era o noturno, com 16h 38m por semana. Nos turnos diurnos, os alunos despendiam pouco do seu tempo para essa atividade, apenas 3h 23m e 3h 25m, respectivamente, para os turnos matutino e vespertino. Deve ser ressaltado que 67,9% dos alunos que freqüentavam o turno noturno trabalhavam.

O aluno do turno noturno era o que mais trabalhava e o que menos tempo dedicava ao lazer, com apenas 19h semanais. Os alunos do vespertino foram os que declararam utilizar mais tempo em lazer, com 27h 36m, e os do matutino, com 25h 8m.

Quanto ao lazer no turno vespertino, o item televisão foi o que mais tempo consumiu, com 6h 43m por semana, seguido por grupos de amizade, com 3h 5m. Os alunos do turno da manhã preferiam também a televisão, com 5h 32m, e o namoro, com 3h 44m. Para os alunos do noturno, a principal forma de lazer era o namoro, com 3h 10m, vindo logo depois a televisão, com apenas 2h 56m semanais.

No que se refere às outras atividades, os alunos do noturno eram os que mais ajudavam em casa (3h 2m), como reflexo da sua faixa etária. Os que mais freqüentavam a igreja eram os do matutino, com 2h 6m por semana, enquanto os do turno vespertino dedicavam 2h 1m às atividades religiosas.

Concluindo a análise do tempo em função do turno, os destaques ficaram para os alunos do matutino, que concentravam mais tempo em estudo e gastavam menos tempo em transporte. Os alunos do vespertino se destacavam nas horas destinadas ao lazer e os do noturno, ao trabalho e à ajuda em casa.

Tabela 4 – Tempo utilizado pelos alunos segundo o turno de estudo

Itens	Matutino	Vespertino	Noturno
Transporte	3h10	4h09	3h16
Estudo	31h06	29h52	22h41
Trabalho/estágio	3h25	3h23	16h38
Lazer	25h08	8h27	19h00
Outras atividades	17h22	19h11	16h06
Total	80h11	84h11	77h51

Fonte: pesquisa de campo.

Segundo o Gráfico 2, o tempo destinado aos estudos representava 38,8% do tempo total indicado pelos alunos do matutino, seguido do tempo de lazer, com 31,3%. Nesse turno, o tempo destinado pelos alunos ao trabalho/estágio só representava 4,3% do total. No vespertino, os alunos utilizavam 35,5% do tempo com estudo, 32,8% com lazer e 4,0% com trabalho/estágio. No noturno, o tempo destinado aos estudos representava 29,2% do total; ao lazer, 24,5% e ao trabalho/estágio, 21,4%. Como o total do tempo de estudo fora da sala de aula e fora da escola, no noturno, foi, em média, pouco inferior ao da amostra, o percentual menor de tempo de estudo nesse turno se deveu sobretudo à redução do número efetivo de horas-aula, como, aliás, já haviam apontado participantes dos grupos focais.

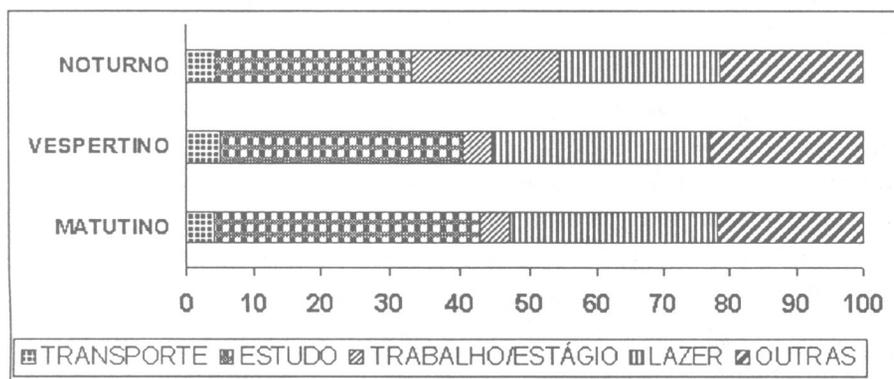


Gráfico 2

Diferenças por sexo

Efetuada-se a análise segundo o sexo dos discentes (Tabela 5), observou-se que os alunos utilizavam 3h 35m para o transporte de ida e volta da escola e às alunas, 3h 27m, uma diferença irrelevante.

Quanto aos estudos, as alunas indicaram dedicar mais tempo a essa atividade, com 29h 3m por semana, contra 27h 58m para os alunos. Essa vantagem começava com as horas de permanência na escola, de 23h 3m para as meninas e de 22h 41m para os meninos. A maior utilização desse tempo pelas meninas continuava com o estudo na escola, fora de sala, com 2h 55m e 2h 1m para os alunos, porém elas perdiam em relação ao tempo destinado

ao estudo fora da escola, com 1h 48m para os alunos e 1h 45m para as alunas, e no tempo de frequência a cursos avulsos (1h 28m para os rapazes e 1h 20m para as moças), com pouca diferença a favor dos alunos.

Em relação ao trabalho/estágio, como seria de esperar, o tempo utilizado pelos homens era bem maior que o consumido pelas mulheres nessa atividade, com 10h 36m para os alunos e 5h 36m para as alunas, quase o dobro de vantagem para os alunos.

Quanto ao lazer, os rapazes indicaram 28h 9m para esse item e as moças, somente 18h 48m, diferença razoável nessa atividade. Nas atividades de lazer, os alunos utilizavam mais hora sem televisão, namoro, atividades desportivas e grupos de amizade, com 6h 25m, 4h 2m, 3h 12m e 3h 8m, respectivamente. Já as alunas tinham como principais atividades de lazer a televisão, música/dança, namoro e grupos de amizade, com 4h 26m, 2h 34m, 2h 27m e 2h.

Com relação às outras atividades, as alunas ajudavam mais em casa que os alunos, o que é compreensível pelo tipo de educação que ainda era dada aos homens. As alunas usavam 3h 34m nessa atividade e os alunos, apenas 1h 44m. Quanto à frequência à igreja, foi mínima a diferença a favor das moças, com 1h 52m para elas e 1h 47m para os alunos.

Concluindo a análise do tempo segundo o sexo dos alunos, observa-se que as alunas estudavam mais do que os alunos, mas, em relação ao lazer, era o inverso, com os alunos utilizando mais horas nessa atividade do que as moças, com grande diferença.

Tabela 5 – Distribuição tempo segundo o sexo dos alunos

Itens	Masculino	Feminino
Transporte	3h35	3h27
Estudo	27h58	29h03
Trabalho/estágio	10h36	5h36
Lazer	28h09	18h48
Outras atividades	19h03	16h07
Total	80h21	73h01

Fonte: pesquisa de campo

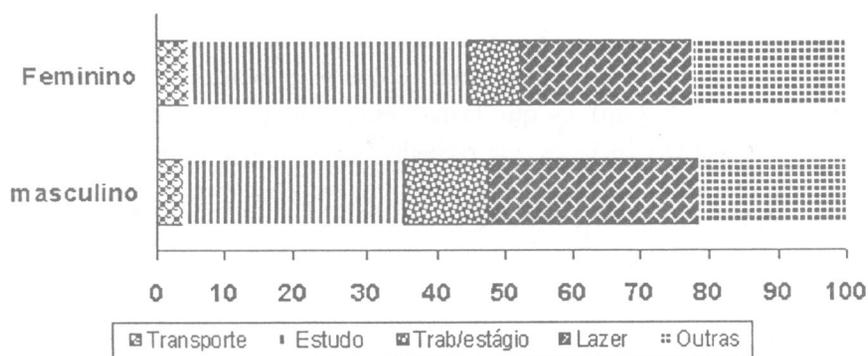


Gráfico 3

Conforme o Gráfico 3, as alunas utilizavam 39,8% do seu tempo em estudo, 25,8% em lazer e 7,7% em trabalho/estágio. Os alunos usavam 31,3% em estudo, 31,5% em lazer e 11,4% em trabalho. Portanto, os pesquisados do sexo masculino alocavam ligeiramente mais tempo no lazer que no estudo.

Diferença quanto às atividades remuneradas

Quanto à utilização de tempo na atividade de transporte de ida e de volta da escola, os estagiários indicaram consumir 4h 9m com transporte, os que não trabalhavam/estagiavam gastavam 3h 30m e os que trabalhavam, 3h 20m (Tabela 6).

Tabela 6 – Distribuição tempo segundo a condição de trabalho

Os alunos que não tinham atividade remunerada utilizavam em estudo,

Itens	Sem atividade	Estagiava	Trabalhava
Transporte	3h30	4h09	3h20
Estudo	30h24	26h42	24h20
Trabalho/estágio	0h25	17h22	25h40
Lazer	10h28	28h05	19h10
Outras atividades	17h12	24h10	15h33
Total	76h41	100h28	88h11

Fonte: pesquisa de campo.

por semana, 30h 24m, os que estagiavam reservavam 26h 42m e os que trabalhavam, apenas 24h 20m. Em relação ao tempo em sala de aula, os alunos que não trabalhavam/estagiavam eram os que mais indicaram horas dispendidas em sala (24h 27m), os que faziam estágio freqüentavam menos horas em sala de aula (22h 1m) e os que trabalhavam só declararam como freqüência à sala 18h 54m, não chegando nem próximo das cinco horas diárias de aulas previstas pela rede pública. Como mencionado, esse fato já havia sido relatado nos grupos focais, nos quais foi dito que os alunos do noturno, os que trabalhavam, eram mais prejudicados em tempo de aula. Em relação ao estudo fora da escola, os tempos declarados, tanto pelos que trabalhavam/estagiavam como pelos que não tinham trabalho eram muito próximos, não havendo vantagem para nenhum deles. Já com a freqüência a cursos avulsos, outra vez, os trabalhadores alunos dedicaram menos tempo a essa atividade, comparando com os que estagiavam ou com os que não exerciam atividade remunerada.

Os alunos que trabalhavam ficaram prejudicados, tanto nos estudos como nas atividades de lazer, com apenas 19h 18m nessa atividade, enquanto os que estagiavam declararam 28h 5m em lazer e os que não trabalhavam/estagiavam, 25h 10m. Os alunos que estagiavam tinham como principais atividades de lazer a televisão, o namoro, atividades desportivas e grupos de amizade, com, respectivamente, 5h 28m, 5h 14m, 2h 41m e 2h 35m. Os que não exerciam atividades remuneradas tinham como principal forma de lazer a televisão, grupos de amizade, namoro e música/dança, com 6h 13m, 3h 6m, 2h 59m e 2h 50m, respectivamente. Já os alunos que trabalhavam declararam que tinham como principal atividade de lazer televisão, namoro, música/dança e práticas desportivas, com 3h 12m, 3h 3m, 22h 57m e 1h 51m, respectivamente. Em suma, a televisão ocupava o primeiro lugar, seguida pelas relações afetivas.

Os estudantes que mais ajudavam em casa eram os que não trabalhavam, com 2h 50m. Seguiam-se aqueles que estagiavam, com 2h 1m, e os trabalhadores-estudantes, com somente 1h 39m. Os que não trabalhavam iam à igreja 2h por semana, os que estagiavam, 1h 24m, e os que trabalhavam, 1h 32m.

Segundo o Gráfico 4, a distribuição do tempo variava muito em função de o aluno ter atividade remunerada ou não, principalmente quanto aos estudos, ao lazer e ao trabalho. Os que trabalhavam utilizavam 27,6% do seu tempo em estudo, 29,1% em trabalho e 21,9% em lazer. Os alunos que estagiavam usavam 26,6% do seu tempo com estudo, 17,3% com o estágio e 28,0% com lazer. Os alunos que mais tempo dedicavam aos estudos eram os que não tinham atividade remunerada e eram também os que mais disponibilizavam tempo para o lazer. Não se verificaram diferenças quanto ao estágio e ao trabalho, a não ser quanto ao lazer e às outras atividades. É possível considerar que o estágio podia ser uma forma disfarçada de trabalho, apesar das restrições legais.

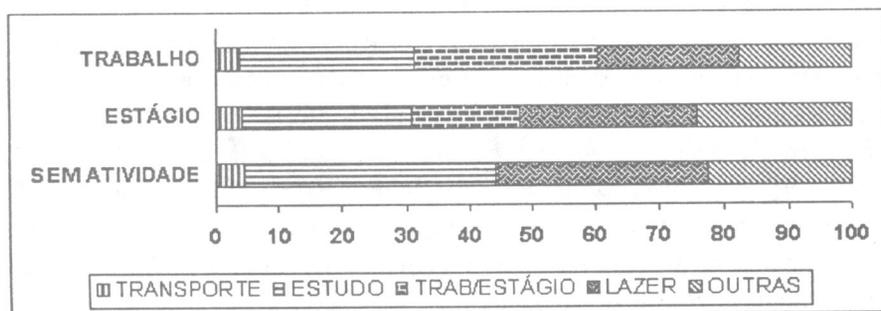


Gráfico 4

Conclusões

Segundo as respostas obtidas pela pesquisa, verifica-se que, na realidade, os alunos permaneciam menos tempo na escola do que as cinco horas previstas, havendo em média uma perda semanal de 7,7% do tempo previsto. Essa perda era maior no período noturno, da ordem de 28,0%. Esse fato pode ser atribuído ao término antecipado das aulas, a pedido dos próprios alunos, por conveniência de professores, conforme relatado nos grupos focais, ou mesmo por problemas alheios ao sistema escolar, como a insegurança dos estudantes após determinado horário. A diferença entre o tempo previsto e o efetivo indica que o formal não é necessariamente real, de modo que dados sobre a duração do período letivo em sistemas nacionais de educação podem, antes, expressar o desejo, em vez da prática.

O trabalho era um fator que prejudicava o tempo de permanência dos alunos na escola, pois aqueles que não exerciam atividades remuneradas ficavam semanalmente na escola 24h 27m, tempo bem próximo das 25 horas previstas, contra 22h 1m para os que estagiavam e apenas 18h 54m para os trabalhadores alunos. Aliás, estágio e trabalho faziam alguma diferença quanto ao tempo de estudo na escola. É interessante lembrar que, embora 64,2% dos respondentes da amostra não exercessem atividade remunerada, à noite 59,3% trabalhavam e 8,6% estagiavam.

Como o trabalho e o turno tendem a ser, na verdade, espelhos do status socioeconômico, aqueles que trabalhavam, com frequência, eram socialmente menos privilegiados, estudavam à noite, tinham maior distorção série-idade e um histórico mais provável de reprovação e abandono, isto é, de fracasso escolar. Além de trabalharem, tinham menos tempo para o estudo e, sobretudo, para o lazer. Entretanto, os menos favorecidos eram onerados não só com menos tempo letivo, mas também com menos aulas em laboratórios e outras condições onerosas. Internamente diferenciada, a escola dava menos a quem tinha menos e dava mais aos que tinham mais. Na busca da igualdade, vigiam à noite as mesmas normas escolares do dia, mas a prática as modificava. Frustradas as boas intenções, é de se perguntar se, em vez de buscar a igualdade formal para os desiguais, não é preferível ter caminhos diferenciados para os mesmos pontos de chegada.

Além do trabalho e do turno, foi revelada pelos dados a diferença entre sexos. As alunas eram maioria na amostra e estudavam por mais tempo na escola que os alunos. A princípio, poderia ser a compensação das diferenças, com a dianteira feminina. Todavia, o que parece vantagem pode esconder desvantagem. As alunas estudavam menos tempo em casa, faziam mais trabalhos domésticos e freqüentavam menos cursos avulsos. Enquanto isso, os alunos, dedicando pouquíssimo tempo ao trabalho doméstico, tinham mais lazer. Além disso, os percentuais das moças que trabalhavam e estagiavam eram sempre inferiores aos dos rapazes.

Pode-se indagar se a matrícula mais freqüente da mulher na amostra resulta, pelo menos em parte, do custo de oportunidade, isto é, do seu "valor" menor que o do homem no mercado de trabalho, quer em termos de preconceito, quer em termos de racionalidade econômica. Em decorrência disso, o investimento da família poderia ser maior para os rapazes que para as moças, tendo em vista o maior retorno do investimento educacional nesses últimos. É o que outra exploração dos dados da mesma amostra, já em curso, poderá dizer.

Em suma, o tempo de estudo dos pesquisados era modesto e, comparado com a pesquisa internacional antes citada, só o curso matutino se aproximava do período dedicado pelos universitários brasileiros, que, por sua vez, estudavam muito menos que os seus colegas espanhóis e franceses.

A localização das escolas contribuía, ao que tudo indica, para facilitar os deslocamentos e poupar o tempo dos alunos. O acesso ao ensino médio público, conforme também ficou evidenciado, estendia-se a camadas socialmente desfavorecidas da população do Distrito Federal. Por outro lado, contudo, a atuação da escola mais contribuía para ampliar do que para reduzir as diferenças sociais.

Resumo

Este trabalho, de caráter exploratório, tem como objetivo analisar como os alunos alocam o seu tempo a diferentes atividades, como o estudo em sala de aula, na escola e em casa, o trabalho, o lazer e a ajuda doméstica. A literatura reconhece a importância do tempo, tanto para a aprendizagem quanto para a acumulação do capital cultural. Baseada em grupos focais e num levantamento por amostragem no Distrito Federal, a pesquisa verifica que os alunos em geral dedicam pouco tempo ao estudo. Foram constatadas diferenças desfavoráveis ao gênero feminino e a alunos socialmente desprivilegiados, do turno da noite.

Palavras-chave: ensino médio, tempo letivo, ensino público, gênero, *status* sócio-econômico.

Abstract

This exploratory research project aims to analyze how students distribute their time among different activities, such as study in the classroom, at school and at home, work, leisure and household work. The literature points out the importance of time not only for learning, but also for cultural capital accumulation. Based on focal groups and on a sample survey carried out at the Federal District, Brazil, this project shows that, in general, students allocate a small amount of time to study. The research project found out that there are differences that are unfavourable to young women and to socially unprivileged students who study at the night shift.

Key-words: secondary education, learning time, public school, gender, socio-economic status. *La utilización del tiempo por el alumno de la escuela secundaria pública.*

Resumen

La utilización del tiempo por parte de los alumnos de las escuelas secundarias públicas - Este trabajo de carácter exploratorio tiene como objetivo analizar cómo los alumnos distribuyen su tiempo para la realización de diferentes actividades, tales como el estudio en clase, en la escuela y en casa, el trabajo, la diversión y la ayuda hogareña. La literatura reconoce la importancia del tiempo para el aprendizaje, así como también para la acumulación de capital cultural. Esta investigación, basada en grupos focales y en una encuesta por muestreo realizada en el Distrito Federal (Brasilia), revela que los alumnos en general tienen poco tiempo de estudio. Fueron constatadas diferencias desfavorables al género femenino y a los alumnos de bajo nivel social, en especial aquéllos que estudian por la noche.

Palabras claves: enseñanza secundaria; tiempo lectivo; escuela pública; género; nivel socioeconómico.

Referências bibliográficas

- Bourdieu, P. e Passeron, J.-C. (1979). *A reprodução*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- Castro, P. E. M. de (2000). *Espaço e tempo: a utilização de recursos escassos pela escola pública e pelo aluno do ensino médio no Distrito Federal*. Dissertação de Mestrado. Brasília, Universidade Católica de Brasília.
- Cavalcante, A. F. (2000). *Custos indiretos do ensino médio para os alunos das escolas públicas do Distrito Federal*. Dissertação de Mestrado. Brasília, Universidade Católica de Brasília.
- Chinapah, V. (2000). *Rendimento da aprendizagem: construção de competências*. Campinas, Autores Associados; Brasília, Unesco.
- Costa, M. (1990). *O rendimento escolar e a experiência de outros países*. São Paulo, Loyola.
- Farrell, J. P. (1993). International lessons for school effectiveness: the view from the developing world. In: Farrell, J. P. e Oliveira, J. B. (orgs.). *Teachers in developing countries: improving effectiveness and managing costs*. Washington, D.C., The World Bank.

- Gouveia, A. J. e Havighrust, R. J. (1969). *Ensino médio e desenvolvimento*. São Paulo, Melhoramentos.
- Lassibille, G.; Gómez, L. N.; Paul, J.-J. (1992). *L'allocation du temps en cours d'études: les cas des étudiants brésiliens, espagnols et français*. Praga, Institut de Recherche sur l'Économie de l'Éducation, VIIIème Congrès Mondial d'Éducation Comparée.
- Venturelli, T. A. (2000). *Custos indiretos do ensino médio no Distrito Federal: a questão do livro didático*. Dissertação de Mestrado em Educação. Brasília, Universidade Católica de Brasília.

Plínio Eduardo Monteiro de Castro

Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília
Professor nas Faculdades Caiçara, Distrito Federal
E-mail: plinioe@uol.com.br

Cândido Alberto Gomes

Doutor em Educação pela Universidade da Califórnia, Los Angeles
Professor da Universidade Católica de Brasília
E-mail: clgomes@terra.com.br